

O
CARAPUCEIRO

23 DE JUNHO
DE 1832

O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO

PER ACCIDENS POLITICO.

Parcere personis, dicere de vitis,
 Marcial. *Lib. 1. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
 Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO E PERN. POR J. G. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17. — 1832

A VENALIDADE, E LAI OICE.

Esmoreço, e quasi me cahe da mão a pennão quando quero escrever sobre este subjecto. Se lançamos os olhos para todos os lugares, estações, e praças da Republica, vejo tanta venalidade, e tanta corrupção por uma parte, e por outra a Religião me não ensina sem, que outros são os destinos do homem; eu chegaria a capacitar-me, que a Providencia nos não collocou sobre a terra, se não para vivermos rapinantes. Um a os outros, os mais ladinos, e os mais estupidos, os felizes a os desafortunados em progressão infinita.

Clama-se todos os dias (e com razão) contra os ferrenhos tempos do despotismo. Os liberaes não fazem, se não annunciar o seculo de ouro á sombra da magestosa arvore da Constituição. Ah! está a Constituição: e que he feito do melhoramento? Onde está a reforma dos costumes? Onde a felicidade geral? Governantes (com poucas excepções) vão sempre fazendo o que querem, e muitas vezes o que devem: os Magis-

trados do Governo pela mór parte corrompidos, e venaes por huma forma maldicta; não poucos Juizes de Paz fazendo o que podem por melhorar de finanças, os Empregados de Fazenda (com diminutas excepções) roubando as rendas do Estado escandalosamente; em summa não vejo por toda a parte, se não alicantoneiros, e gente de *venha a nós* e o palavreado na ponta da lingua: bellas theorias, excellentes planos em papel, e de pratica (que he o grande caso) nada, ou quasi nada.

Provirá isto de algum vicio intrinsicco a o systema Liberal? Não certamente: elle he justo, he precioso, he optimo. O mal nasce, não das causas mas das pessoas; vem de não começarmos a reforma por nós outros; vem dos maiores, e graúdos do Estado, que devendo abrir o exemplo, não se querem desfazer do seu fausto, do seu caprixo, dos seus maus habitos. D'ahi parte a corrupção, que se estende ás ultimas classes da sociedade.

O Sacerdocio, que tem de obrigação ser mais perfeito, já está em estado lamentavel de relaxação, e in-

meraldade. Não há cousa mais ordinaria, do que ver Sacerdotes traficantes, e superlativamente usurarios; dando dinheiros com juro exorbitantes, amontoando riquezas para passar á *la grande*, e viver, com a gentilia, do que se soavel, e Christãamente. Alguns há exemplares, e dignos Ministros do Evangelho: mas são em tão pequeno numero, que não podem avultar.

Mas de todas as classes corrompidas nenhuma há, como a classe dos Senhores da Justiça. Aquí a corrupção, a venalidade, a ladroice tem chegado a o *supra summum*: aqui tudo he armar á bolsa dos litigantes, que muitas vezes são ladrosinhos subalternos, que dão de comêr a o Ministro, a o Escrivão, a o Letrado, Procurador, e Meirinho para poder empolgar a propriedade da viuva inerme, do orfão desvalido, do pobre desamparado, e ignobil. Creio, que posso offerecer por esta parte o quadro do nosso Pernambuco, transcrevendo huma descripção, que fez o engenhoso P.^o Antonio Vieira do estado dos Delegados do Poder no nosso mesmo Brasil. Vem ella no Tomo 3.^o dos seus Sermões; e he da maneira seguinte.

„ Encomendou El Rei D. João 2.^o a S. Francisco Xavier, o informasse do Estado da India por via de seu companheiro, que era mestre do Principe; e o que o Sancto escreveu de lá, foi, que o verbo *Rapio* na India conjugava-se por todos os modos. A fraze parece jocosa em negocio tão serio; mas fallou o servo de Deos, como falla Deus, que em huma palavra diz tudo. Nicoláo de Lyra sobre aquellas palavras de Daniel —

Nabucodonosor Rex misit regandos Satrapas, Registratus, et iudices — declarando a etymologia de Satrapas, que era os Regedores das Provincias; diz, que este nome foi composto de *sat*, e de *Rapio*, *Licuntur Satrapæ quasi satis rapientes*, Chama-se Satrapas; por que costumão roubar assás: e este he o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo, que conjugou o verbo *Rapio* por todos os modos.

O que eu posso acrescentar á experiencia, que tenho, he, que não só do Calão da Boa Esperança, mas também das partes d'aquem se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugado por todos os modos o verbo *Rapio*; por que furtar por todos os modos d'arte, não fallando em outros novos, e exquisitos, que não conheço. Quando, nem de satrapas tanto que lá chegado, costumão a furtar pelo modo Indicativo; por que a primeira informação, que pedem a os praticos, he, que lhes apontem, e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtar pelo modo Imperativo; p.^o q.^o como em imperio, e mixto imperio, todo elle applicado despoticamente ás execuções da rapina.

Furtar pelo modo Mandativo; por que accitão quanto lhes mandado; e para que mandem todos, e que não mandado não são accitados. Furtar pelo modo Optativo; por que desejado quanto lhes parece bem, gabando as cousas desejadas a os donos dellas, por cortezia, sem vomar de, as fazem suas. Furtar pelo modo Coniunctivo; por que ajuntão o seu pouco cabedal com o d'aq. elles, que manejado muito, e basta, que ajuntem a sua gra. para serem,

...os, méeiros na gan-
 cia. Furtad pelo modo Potencial;
 por que sempre p[re]texto, nem ceremo-
 nia usad de potencia para furtar. Fur-
 tad pelo modo Permissivo; por que
 permittem, que outros furtem, e es-
 tes comprad as permissões. Furtad
 pelo modo Infinitivo; por que nad
 se furtar com o fim do gover-
 no, e sempre ládeixaõ raizes, em
 que se não continuãdo os furtos.

Estes mesmos modos conjugaõ por
 todas as pessoas; por que a primeira
 pessoa do verbo he a sua; as segun-
 das os seus criados, e as terceiras
 quantas para isso tem industria, e
 consciencia. Furtad juntamente por
 todos os tempos; por que do p[re]sen-
 te, que he o seu tempo, colhem quan-
 tidade de si no triennio; e para inclui-
 rem o p[re]zente, o p[re]terito, e fu-
 turo, em p[re]terito, p[re]terito, e fu-
 turo, de que venhem os p[re]teritos, e
 dividas esquecidas, de que se pagaõ
 inteiramente; e do futuro empenhad
 as rendas, e antécipad os contractos,
 com que l[he] vem o cahido, e naõ cahido
 l[he] vem a cahir nas maõs. Final-
 mente nos mesmos tempos nad l[he]
 escapad os imperfeitos, perfeitos,
 plusquam perfeitos, e quaesque
 outros; por que furtad, furtarao,
 furtariad, e haveriaõ de furtar
 mais, se mais houvesse. Em sum-
 ma que o resumo de toda esta ra-
 zõ conjugaçãõ vem a ser o
 supino do mesmo verbo, a furtar
 para furtar. E quando elles tem
 conjugado assim toda a voz acti-
 va, e as miseras Províncias sup-
 portad toda a passiva; elles, co-
 mo se viveraõ cito grandes servi-

cos, tornad carregados de desno-
 jos, e ricos, e ellas ficad rouba-
 das, e consumidas. He certo, que
 os Reis naõ querem isto, antes
 mandaõ em seus Regimentos tudo
 o contrario: mas como as Patentes
 se daõ a os Grammaticos destas
 conjugações tão peritos, ou tão
 cadinõs nellas; que outros effeitos
 se podem esperar dos seus gover-
 nos? Cada Patente destas em pro-
 pria significaçãõ vem a ser huma
 licença geral *in scriptis*, ou hum
 Passaporte para furtar.

Em Hollanda, onde há tantos
 armadões de Cossarios repartem-
 se as costas d' Africa e Asia, e
 d' America com tempo limitado, e
 nenhum póde sair a roubar sem
 Passaporte, a que l[he] chamaõ
 Carta de Marca. Isto mesmo va-
 lem as Provisões, quando se daõ
 a os que eraõ mais dignos da Mar-
 ca, que da Carta. Por nar pade-
 cem os moradores das conquistas
 a pirataria dos Cossarios estran-
 geiros, que he contingente; na
 terra supportaõ a dos naturaes,
 que he certa, e infallivel. E se al-
 guem duvida qual seja maior, no-
 te a differença de hums a outros.
 O pirata do mar nad rouba a os
 da terra Republica; os da terra
 roubad os subditos do mesmo Rei,
 em cujas maõs juráraõ homena-
 gem: do Cossario do mar posso-
 me deffender; a os da terra naõ
 posso rezistir: do Cossario do
 mar posso fogir; dos da terra naõ
 me posso esconder: o Cossario

do mar depende dos ventos; os da terra sempre tem por si a nãção: em fim o Cossario do mar póde o que póde; os da terra podem o que querem, e por isso nenhuma preza lhes escapa. Se houvesse hum tauião omnipotente; que vos parece, que faria a cubica junta com a omnipotencia? Pois isso he o que fazem esses Cossarios. „

Eis o que dizia o Padre Antonio Vieira; e eis o quadro fiel do nosso Pernambuco hoje, e provavelmente de todo o Brazil. Com effeito nunca se vio furtar tanto, e com tanto desparamento. Quando o Poder Judiciario era responsavel, os Senhores Ministros sempre fazião das suas branquinhas: mas hoje, que he irresponsavel, o que não farão? O que estamos vendo e sentindo. Agora furta-se, e quem está em mãos de acabar; e aquelle, que mais furta, melhor passa; por que regala-se, e vai continuando na rapina á sombra da mesma Constituição, que para alguns tem sido (permitta-se-me a comparação mui' rasteira) ha na excellente vacca de leite.

Mas como se ha de suscitar

tanto luxo, jogar pedras, peças, ter riquissima mobilia Franceza, carrinhos, Pagens, preciosas joias, meza sumptuosa, e esquizita com o simples honorario, e os magros cahidos Magistrado? Para tudo aquillo he mister furtar, e furtar muito: furtar de dia, e de noite, furtar *in æternum, et ultra*. Men Deos, quando vos compadeceris de miserando Brazil? He desta causa, he deste prurito de furtar, que nascem quasi todos os nossos males; he o furto a rasão sufficiente de muita desordem, que tem apparecido no nosso Paiz. Todos querem reformar os outros; mas a si ninguém quer: todos estão prontos para pagarem lindos systemas de verdades, e melhoramentos para o Brazil; mas ha de ser com a condição, de os deixarem fazer o seu furtozinho muito honradamente: e como a caza de pouco pão; todos ralhad, e ninguém tem rasão.

Basta: assim bastasse a ladroice. Quem lhe servir a carapuça, fique se com ella; cale-se: e o que he melhor, que tudo, encande-se. Amen.